
A memória nas crônicas de Bandeira e Drummond veiculadas no programa Quadrante da Rádio MEC

Cláudia Thomé¹

Resumo: As crônicas veiculadas no rádio na década de 60 têm como temáticas recorrentes as preocupações e os costumes da época, material valioso que conta parte da história passada, mostra um olhar sobre fatos noticiados ou mesmo sobre aqueles que não foram considerados notícia pela imprensa. Para entender a relação dessas crônicas com a memória, o presente trabalho selecionou crônicas de Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, que foram escritas para o programa Quadrante, da Rádio MEC/RJ, interpretadas pelo ator Paulo Autran.

Palavras-chave: crônica; memória; rádio

Abstract: The radio chronicles on the radio in the 60's have the recurring thematic the concerns and customs of the time. They are a valuable material that tells part of the history of the decade and shows a look not only at the facts reported but also at those which were not considered for the news media. To understand the relationship of those chronicles with the memory, this study selected some Carlos Drummond de Andrade and Manuel Bandeira's chronicles which were written for the program Quadrante, broadcasted by the Radio MEC / RJ and read by the actor Paulo Autran.

Keywords: chronic; memory; radio

A sociedade da informação tem hoje múltiplos dispositivos para registrar o cotidiano, passo-a-passo, como câmeras escondidas, sistema de vigilância, gravadores de última geração. A máquina registra a imagem, grava o vídeo, mas

¹ Professora adjunta do Departamento de Rádio e TV da Facom (UFJF). Email: cthomereis@gmail.com.

não escolhe o olhar. É importante não perder de vista que estamos todos editando, escolhendo os ângulos, decidindo o que deve ser lembrado e o que deve ser esquecido.

Imersa nesta seleção permanente, a sociedade arquiva imagens históricas, relatos jornalísticos, em uma pretensa objetividade, e ainda dissemina na rede mundial de computadores histórias de vida, em páginas com pequenas biografias ou mesmo com um diário íntimo, com detalhes de seu cotidiano nas redes sociais da web. O que contamos sobre nós? Do que nos lembramos? E o que esquecemos? Quem edita nossa memória?

Os livros de história, os documentários, as grandes reportagens – todos esses relatos, que já carregaram a pretensa missão de mostrar a vida como ela é –, não são mais vistos como totalmente imparciais na contemporaneidade. O teórico Edward Carr afirma que um fato histórico é como um peixe fígado em um mar repleto de outros peixes. “De um modo geral, o historiador conseguirá o tipo de fatos que ele quer” (CARR, 1996, p. 59). São os fatos fígados que serão contados e depois lembrados.

Sem o peso de ter que criar um relato considerado isento, os autores das crônicas publicadas em jornais ou vocalizadas nas ondas do rádio, os ditos cronistas, destacam-se nesta pescaria: escrevem pequenas histórias com base em fatos noticiados ou em outros que nem foram notícias, mas que se relacionam com o cotidiano da cidade ou com a vida de seus moradores. Como afirma o professor Jorge de Sá, “a função da crônica é aprofundar a notícia e deflagrar uma profunda visão das relações entre o fato e as pessoas, entre cada um de nós e o mundo em que vivemos e morremos, tornando a existência mais gratificante” (SÁ, 2005, p. 56).

Este artigo é fruto da reflexão sobre a relação da memória com a crônica veiculada em jornal, provocada durante o curso de Doutorado em Teoria Literária, na UFRJ, que resultou na tese *Literatura de Ouvido*, defendida em agosto de 2012. Para esta análise, o presente trabalho selecionou crônicas de Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira, que foram escritas para o

programa Quadrante, da Rádio MEC/RJ, interpretadas pelo ator Paulo Autran, na década de 60.

Não se tratará aqui de uma memória comprometida apenas com a noção de tempo, mas sim de um conceito de memória em perspectiva ontológica, daquilo que permanece no espírito, e que escapa dos limites impostos pelas noções de espaço e tempo, uma memória que não é produzida, mas sim fonte geradora.

Drummond e Bandeira escrevem textos memorialísticos, crônicas que contam como era a cidade, não de forma apenas descritiva ou seguindo uma ordem cronológica, mas de forma inventiva, mostrando uma vivência simultânea de presente, passado e futuro. Este trabalho se propõe a selecionar e analisar crônicas dos dois poetas que foram vocalizadas no programa Quadrante e que apresentam um conteúdo memorialístico. Para isso, buscará embasamento teórico no texto “Os caminhos da memória”, de Antônio Jardim, publicado em “Música: vigência do pensar poético”, e no texto “Drummond e Bandeira, os cronistas-poetas”, de Gilda Salem Szklo, publicado em “Cronistas do Rio” (RESENDE, 2001).

A temporalidade da memória

Como afirma o professor Antônio Jardim, “(...) pode-se entender memória como a instância de inventar, meditar, refletir e velar, no sentido de cuidar, a unidade” (JARDIM, 2005, p. 126). No conceito grego antigo, afirma Jardim, a memória está relacionada a Mnemósine, filha do Céu e da Terra, mãe das musas, a quem Zeus recorre para tornar imortal o registro de sua vitória sobre Cronos. Mas a memória não é eterna. O autor explica que há o tempo finito, com limites impostos pela duração da materialidade. E que há a eternidade, que se vincula à temporalidade das divindades, sem início nem fim.

A memória, afirma o autor, não se enquadra nestas duas formas de temporalidade: “a condição de possibilidade de existência da memória é exatamente a possibilidade de ir além da duração material” (JARDIM, 2005, p.

134). Como só é possível recordar algo que tenha um começo, a eternidade, explica ele, não pode ser a temporalidade da memória, uma vez que não tem início. Para ele, a temporalidade da memória é um misto de duração material (início e sucessão) e eternidade (transgressão do limite imposto pela duração material) – é a eviternidade. Ou seja, tem começo, sucessão, mas não tem fim.

Na referida obra de Antônio Jardim, o autor propõe não uma análise técnica de como música e memória se relacionam, mas apresenta um exercício de aproximação entre os dois conceitos, tornando evidente a impossibilidade de distanciamento entre eles. Para o estudo da crônica, este exercício é mais que necessário. Afinal, a noção de tempo está presente na crônica, que é feita dentro de limites materiais específicos.

No caso do cronista, esta referência ao tempo está presente na própria etimologia do termo definidor do gênero, que revela sua função de escrita do tempo ao tomar de empréstimo o nome da divindade grega ‘Cronos’, o terrível filho de Urano (o Céu) e Gaia (a Terra), devorador de seus filhos, que aparece em certas alusões mitológicas como a personificação do Tempo. (NEVES in RESENDE, p. 22)

O poeta-cronista produz seu texto no ritmo e nos limites da indústria jornalística, limites de tempo para produção, de durabilidade do texto, de espaço nas páginas dos jornais ou minutos da transmissão radiofônica e de adequação vocabular e temática voltadas para seu público alvo. Tais características fizeram a crônica ser considerada um gênero menor, seguindo as lições do crítico literário Antonio Cândido, inserindo-a, por vezes, em um lugar marginal no âmbito do cânone.

Mas, mesmo sendo uma história contada em limites de tempo e espaço, sobre uma determinada época, seguindo uma lógica de produção industrial, a crônica sobrevive ao longo dos anos e, como o canto das musas, não existe apenas para representar ou identificar, mas para atualizar Zeus. Ou seja, está ancorada na impossibilidade de esgotamento da narrativa.

Poeta: um agente de memória

O conceito de memória pode, muitas vezes, ser associado à lembrança de algo ocorrido, sentido mais corriqueiro, utilizado pelo senso comum, mas que acorrenta a memória aos limites do tempo. Jardim alerta para este risco e apresenta um conceito que vai além desta temporalidade. O autor recorre, então, à associação entre o conceito de memória e o mito grego, em que Zeus se une a Mnemósine (personificação da memória) na tentativa de registrar e imortalizar sua vitória sobre Cronos.

Desse modo, a memória, no mínimo, passa a ser condição de possibilidade da constituição de um tempo que se conforma para além de uma noção de tempo mais imediata, mais comprometida com um plano meramente ôntico. A memória se configura, neste caso, numa dimensão ontológica e transcendente, e significa também sinal ou monumento comemorativo, assim se coloca na dimensão do extraordinário, isto é do que foge ou rompe com a ordinariedade. (JARDIM, 2005, p. 127-128)

Jardim compara o poeta a “uma espécie de agente da memória” (2005, p. 149), aquele que tem o poder de cantar as palavras e difundir uma cultura oral. É importante frisar, como lembra o autor, que, antes da difusão da escrita, a poesia era oral, e reunia as pessoas em torno daquele que estava ali para contar algo.

A veiculação das crônicas no rádio, em que o locutor conta uma história vivida, uma experiência, nos traz a figura do narrador descrita pelo expoente da Escola de Frankfurt Walter Benjamin, não apenas daquele que viaja e chega com novidade para contar, mas também daquele que nunca saiu de seu país e é referência em sua comunidade, por conhecer “suas histórias e tradições” (BENJAMIN, 1994, p. 198-199). “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência de seus ouvintes” (Id, p. 201).

No Brasil, os cronistas produziram textos para o rádio, e se destacaram neste veículo, que se popularizou levando informação e entretenimento a uma grande parcela ainda analfabeta. No contexto político do país, vale lembrar que o rádio foi utilizado como poderoso instrumento de divulgação para o governo.

Como produto jornalístico, as crônicas poderiam até ser feitas sob encomenda, mas muitas traziam nas entrelinhas uma crítica ao sistema em vigor, nem que fosse um repensar de costumes, em uma historinha contada pelo rádio como entretenimento, sem pretensões explícitas de informar ou formar opinião. Como produto de uma indústria cultural, oferecido em veículos de comunicação, a crônica era produzida, então, em limites de tempo e de espaço, selecionando temáticas, oferecendo entretenimento, informação, mas também este repensar de hábitos e costumes.

Como produção literária, já reconhecida, a crônica, no entanto, é mais que entretenimento. Assim como Zeus, o escritor busca a imortalidade nas palavras que deixa para serem “cantadas” ao longo de gerações. Jorge de Sá (2005, p. 68) frisa que o cronista tenta perpetuar a si mesmo cada vez que seleciona e perpetua um fato em uma crônica. “Pois não é próprio do homem tentar vencer sua fragilidade fazendo-se eterno nos seus filhos e obra?” (SÁ, 2005, p. 67). E continua mais a frente:

O renascer ocorre de várias maneiras, sendo que, no caso do escritor, é pela palavra escrita que ela acontece. Dessa forma, ao narrar o mundo, o cronista narra a si mesmo – e ambos vencem a passagem do tempo. (SÁ, 2005, p. 68)

Na programação das rádios, a crônica foi inserida sem grandes adaptações para o novo meio. Com texto coloquial, próximo à conversa, e tratando de temas sobre o cotidiano, o gênero foi incorporado ao rádio e depois à TV. No rádio, o texto precisa ter características próprias, como ritmo e sonoridade, e é escrito para ser lido de forma técnica (também conhecida pelo termo vocalização) por outra pessoa, com entonações próprias e interpretação. As notas jornalísticas, por exemplo, têm técnica de redação que garantem o ritmo e a clareza no momento da leitura.

Essa oralidade auxilia não só a compreensão do texto como a performance do contador de história, já que a leitura coletiva e em voz alta era o ritual mais conhecido dos primórdios da literatura escrita, o que explica também certo tom retórico das expressões e até o ritmo narrativo. Estudiosos da leitura percebem nesses contos a alternância de momentos rápidos e lentos, como se o autor (ou autores), prevendo o ritual da leitura, estivesse ajudando o leitor em sua tarefa. (COSTA: 2002, p. 34)

A crônica é contada no rádio no momento em que a sociedade testemunha a disseminação de uma cultura de massa e experimenta um processo de urbanização acelerado, em que a competição e o deslocamento para os grandes centros mudaram as formas de relacionamento entre as pessoas (COSTA: 2002, p.66). Como afirma a pesquisadora, “a cultura de massa representava uma pausa nesse confronto, não só por sua ideologia massificante e pela catarse própria do entretenimento, mas por resgatar práticas comunicativas ancestrais” (Id. p. 66).

Drummond e Bandeira: “literatura de memórias” nas crônicas para o rádio

O programa “Quadrante” foi criado na Rádio MEC em 1961 e, até 1964, veiculou crônicas escritas por sete literatos – Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Dinah Silveira de Queiroz, Fernando Sabino, Manuel Bandeira, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga – e teve o mais alto índice de audiência na programa da Rádio MEC e um dos mais elevados do rádio brasileiro, como afirma o diretor da rádio à época, Murilo Miranda, no texto de apresentação do livro Quadrante I.

Para este trabalho foram selecionadas algumas crônicas de Drummond e Bandeira que apresentam uma vertente memorialística. A crônica, apesar de trabalhar com a noção de tempo, não está acorrentada ao tempo cronológico. Drummond e Bandeira escrevem textos memorialísticos que vão além do tempo linear, extraem poesia de fragmentos do cotidiano. Fazem uma “literatura de memórias”, como afirma Gilda Salem Szklo.

Ambos, Drummond e Bandeira, viajam no tempo e no espaço, dão vida ao seu passado; perdem-se nos restos de coisas e almas e, ao longo das ruas, das avenidas, em meio à multidão, desvendam mundos na recordação de seres, de objetos, de espaços, de fatos pretéritos, sensações de vida vivida e revivida pelo encamento da palavra poética. (SZKLO, p. 82)

Este desvendar de mundos, na crônica, pode acontecer na lembrança da cidade que se modificou, uma nostalgia de um lugar que não existe mais

fisicamente, e é reconstruído pelo olhar do poeta. Na crônica de rádio, a viagem no tempo e no espaço pode se dar ainda na retomada de expressões de uma época, criando um efeito semelhante ao do perfume que nos faz voltar a determinado momento de nossas vidas ou a determinado local. Assim como o cheiro produz um efeito em cada pessoa, dependendo de sua trajetória, uma letra de música faz chorar ou sorrir, de acordo com o que desperta em cada um, a história contada também faz renascer sentimentos e lembranças.

Na crônica intitulada “Antigamente”, lida na Rádio MEC, Drummond não chega a contar uma história, mas reúne expressões que caíram em desuso e, em um jogo de palavras, faz referência a um passado, colocando-o em contraste com o momento presente. Trata-se de uma literatura de memória auditiva que, como o perfume, é capaz de produzir, em cada ouvinte, um efeito diferente.

Antigamente as moças chamavam-se “mademoiselles” e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. (...) As pessoas, quando corriam, antigamente, era para tirar o pai da força, e não caíam de cavalo magro. Algumas jogavam verde para colher maduro, e sabiam com quantos paus se faz uma canoa. (...) Antigamente, certos tipos faziam negócios e ficavam a ver navios; outros eram pegados com a boca na botija, contavam tudo tintim-por-tintim e iam comer o pão que o diabo amassou, lá onde Judas perdeu as botas. (DRUMMOND in QUADRANTE I, 1962, p. 97-98)

Em outra crônica, também veiculada no programa Quadrante, da Rádio MEC, Drummond utiliza a técnica do rádio e simula uma entrevista com um casal que está junto há 36 anos. “Quem sabe se os dois teriam alguma receita de felicidade?”, questiona o poeta. Neste texto, o autor apresenta dois personagens que, em resposta a suas perguntas, vão tecendo a trama conjugal, construindo um discurso sobre a vida em comum, cada um com seu olhar sobre o que aconteceu. O poeta apresenta duas memórias que se entrelaçam e criam, assim, uma história conjugal a ser ouvida por outros casais. É uma vida passada que renasce e se torna presente e antecipa também o futuro. Esta crônica é um exemplo da temporalidade da memória, a eviternidade, que só existe a partir de um fato, que tem um início, mas não tem fim.

- Como é que vocês conseguiram passar tanto tempo juntos:

Os dois, a uma voz:

- Não foi tanto assim. Um terço (12 anos), dormindo oito horas por dia.

- Mesmo assim, meus caros!

Ela esclareceu:

- Havia o trabalho dele, que nos separava a maior parte do dia.

- E ela passou a maior parte da vida no cabeleireiro – completou ele.

Eu: - Cabeleireiro, trabalho e sono: será isso a vida em comum?

- Não, disse ela sorrindo. Há os intervalos.

(DRUMMOND in QUADRANTE I, 1962, p. 23)

O interessante, nesta crônica, é que o casal não relembra um fato específico, mas a rotina, a caminhada juntos, traçando um perfil de seu casamento a partir de apenas três ações citadas na entrevista. A rotina é o fato a ser lembrado e recriado pela memória de ambos, o que cada um registrou e sentiu ao longo dos 36 anos, o que os manteve juntos e como reagiram após as brigas.

Ela conta que “nos primeiros tempos, ele punha bilhetes debaixo do travesseiro, pedindo perdão”. E ele conta que, após as brigas “ela, de desgosto, jejuava. Gostando tanto de bife!”. Ao fim da crônica, o poeta conclui que “o segredo de todos os casais antigos deve ser mesmo esse”. A memória dos dois criou uma história a ser contada, algo que é particular, mas que também é coletivo, na medida em que se comunica com as vivências de outros, ao ser lida no rádio, podendo despertar sentimentos diversos em cada um dos ouvintes, de acordo também com suas memórias e vivências particulares.

A crônica apresenta ainda personagens com papéis bem cristalizados: o homem ligado ao mundo do trabalho, enquanto a mulher passava a maior parte do tempo no cabeleireiro. Vale observar o feminino retratado e a imagem da mulher projetada pela crônica, veiculada em uma década de grandes questionamentos, em que se colocava em xeque o papel da mulher e sua participação no espaço público, seu comportamento diante do universo masculino, até então hegemônico.

Na seleção de crônicas veiculadas na rádio e publicadas nos livros Quadrante I e II, Manuel Bandeira faz referência ao Rio antigo. Para a

inauguração do programa, Bandeira escreveu uma crônica em homenagem ao Rio dos fins do século 19. Interpretada por Paulo Autran, a crônica “Rio de Ontem e de Hoje” descreve uma cidade ainda com iluminação a gás que, para o poeta, era “deliciosamente provinciana”. Há um tempo histórico aí retratado, mas também um tempo interior do autor, que expõe sentimentos seus nas entrelinhas do dito:

Não sou dos que gostam de se abandonar ao saudosismo, enganador sentimento que altera tão profundamente as perspectivas do passado. Lembro-me de tudo que era primitivo, incômodo ou desagradável no Rio antigo. (BANDEIRA in QUADRANTE I)

O poeta fala do que ele viu, do que ele se lembra e do que gosta e não gosta. Sua vivência fica ali imortalizada nesta crônica, que, desde sua criação, pode ser lida e relida infinitas vezes, para públicos com pontos de vista diferentes ou que nada sabiam sobre o Rio antigo. A partir deste relato, criado por sua memória, esta experiência ganha novos contornos e gera novos relatos e recordações.

“Carnavais de Outrora” é outra crônica de Bandeira lida na Rádio MEC em que o poeta conta como era a folia entre 1892 e 1896, depois cita a descrição de Mário de Andrade, em poema de 1923, até chegar ao momento em que a crônica era lida, na década de 60, com a criação de um Departamento de Turismo. Bandeira fala com saudades do Carnaval de rua e lamenta as mudanças ao longo dos anos. Apesar desta memória temporal, a crônica é gerada também por uma memória espacial:

O centro da cidade não era então a Avenida Rio Branco; era uma das ruas mais estreitas e mais curtas da cidade e também a mais elegante – a Rua do Ouvidor. Imagine-se toda a população da cidade querendo brincar na Rua do Ouvidor! (BANDEIRA in QUADRANTE I)

Nesta crônica, Bandeira apresenta seus registros, em primeira pessoa, entrelaçando as mudanças no Carnaval com as passagens de sua vida, em um renascimento, em uma tentativa de imortalizar sua existência, o que nos remete à afirmação de Jorge de Sá, citada anteriormente: “(...) ao narrar o mundo, o cronista narra a si mesmo – e ambos vencem a passagem do tempo” (SÁ, 2005,

p. 68). Os trechos abaixo costumam a trajetória do Carnaval no texto memorialístico de Bandeira.

Conheci ainda o Carnaval do papel-picado (...). Eu não tinha ainda dez anos, mas já achava insensato levar horas preparando um punhado de papel picado que se iria embora pelos ares num gesto de mão que durava um segundo... Assisti ao aparecimento dos primeiros confetes, que me deslumbraram (...). Em 96 vim para o Rio e conheci o Carnaval carioca, tão diferente do de hoje. (...) Depois adoeci e durante anos, muitos anos, não vi senão os Carnavais das cidadezinhas do interior. (...) Quando voltei a ver o Carnaval carioca, já era ele como o descreve Mário de Andrade, no seu grande poema, que é de 1923 (...) (BANDEIRA in QUADRANTE I, p. 142-143)

Bandeira não escreve apenas que o Carnaval era assim e agora é diferente. Ele conta como era o Carnaval quando tinha dez anos, que achava insensato picar papéis para serem jogados, mas que ficava deslumbrado com os confetes, que adoeceu e, por isso, passou a viver a folia no Interior. O poeta fala de seus carnavais, do que sentia. Narra o Carnaval, mas também a si mesmo.

Considerações finais

Os dois cronistas-poetas não são os únicos a levar para orádio crônicas memorialísticas. O programa Quadrante ainda apresentava crônicas de mais cinco escritores, muitas falando sobre um tempo passado ou sobre um local que não existe mais, ou sobre costumes e relacionamentos. “Chuva com lembranças” e “O estranho mundo de hoje”, de Cecília Meireles, por exemplo, estão entre elas. São textos ancorados em fatos noticiados nos jornais, mas que vão além do fato. Na primeira, a autora fala dos diferentes tipos de chuvas, classificadas por ela como chuvas de viagens, chuva pontual, chuvas modernas. E, no meio de sua prosa, impregnada de poesia, Cecília Meireles adota um tom noticioso, como aquele utilizado pelo jornalismo para recordar fatos ocorridos no passado, de forma mais objetiva e direta.

Depois de falar das “chuvas matinais, que molham cabelos soltos, que despencam as flores das cercas (...)” e da “chuva pontual sobre os belos campos semeados da França (...)”, a cronista muda o tom para inserir, em sua narrativa, informações sobre a tragédia causada por duas enchentes: a de 1811 e a de 1864.

(...) a de 1811, que, com o desabamento de uma parte do morro do Castelo, soterrou várias pessoas, arrastou pontes, destruiu caminhos e causou tal pânico que durante sete dias as igrejas e capelas estiveram abertas, acesas, com os sacerdotes e o povo a implorarem a misericórdia divina. (MEIRELES in QUADRANTE II, p. 48-49)

Em “O Estranho mundo de hoje”, Cecília Meireles fala em primeira pessoa de seu estranhamento diante de uma notícia de jornal: “Tenho andado muito melancólica desde que li essa notícia atroz de um raio que matou um músico entrando-lhe pelo próprio saxofone” (QUADRANTE II, p. 103). A cronista, assim como no texto sobre a chuva, também aqui estranha a atitude da natureza e considera que houve uma mudança ao longo dos anos, fazendo referência ao tempo cronológico.

Uma crônica de Fernando Sabino, “A Máquina do Tempo”, conta, em primeira pessoa, sua experiência de ouvir, meses depois, uma gravação feita com um amigo, que lhe deu o aparelho de gravar. O autor resolve ouvir então o que foi dito, trechos de conversas, uma risada, “tudo truncado, regravado, superposto, numa sequência confusa do que já devia ser passado”. E Sabino detecta que está ouvindo a voz do amigo que já não vê há um tempo, e percebe que pode ouvi-lo quantas vezes quiser: “aqui o tenho aprisionado o instante de sua vida (...)”. O cronista se encanta com a possibilidade de aprisionar o momento para repeti-lo indefinidamente, mas, em seguida, percebe que aquelas risadas foram gravadas em uma celebração que não acontece mais. E conclui que “não se brinca impunemente com o tempo” (SABINO in RESENDE, p. 88-89).

Percebe-se assim que a referência ao passado é uma característica da crônica. Mas falar do passado apenas não é o suficiente para fazer da crônica de rádio uma literatura de memória. Como já foi dito anteriormente, não se pode vincular a memória apenas à noção de tempo. A partir deste prisma, pode-se afirmar que as crônicas de Bandeira e Drummond vão além deste comprometimento com o tempo linear. Os dois poetas trabalham uma memória que não é produzida, mas fonte geradora. As lembranças não estão sedimentadas, acorrentadas a um tempo ou a um espaço.

Como afirma Gilda Salem Szklo, há, nas crônicas de Drummond e Bandeira, “uma dedicação integral à poesia” (SZKLO in RESENDE, p. 80), permitindo que memória e lirismo convivam em seus textos. Nestas crônicas selecionadas, no entanto, pode-se perceber que Drummond faz seu texto em prosa com jogos de palavras próprios do poeta, criando um cenário em outra dimensão, um ambiente, gerando sensações. Bandeira, nestas crônicas, “canta” o Rio antigo, descrevendo ruas, referindo-se a fatos, mas também unindo memória e lirismo, cada vez que se coloca como filtro nestas sensações. Como afirma Sá, cada vez que narra o mundo, o cronista narra a si mesmo.

As crônicas memorialísticas interpretadas no rádio, carregadas de oralidade, são narrativas de possibilidades, de visões do que já foi, mas sobretudo de seleção do que ficou no cronista, não de fatos materiais, mas daquilo que o poeta considera que não deve ficar silenciado, ou mesmo do que não ficou silenciado nele próprio. Tais crônicas levam aos ouvintes possibilidades de conhecer o passado, ou até de revisitá-lo, apresentando-se como memória geradora, ao pronunciar palavras e expressões que não se usam mais, ao comparar cenários, não de forma descritiva, mas poética, ao contar não apenas o que foi vivido, mas o que foi sentido nesta vivência.

Os cronistas levam aos ouvintes possibilidades de viagens ao passado em outra dimensão, vivendo e revivendo sensações. Tal como a temporalidade da memória, ensinada por Jardim, é eviterna, assim também podemos olhar para estas crônicas e observar nelas esta natureza da memória, em que há um início proposto pelo cronista, mas não há um fim.

Referências

- BENJAMIN, Walter. **O narrador**. In: BENJMAMIN, Walter, HORKHEIMER, Max, ADORNO, Theodor W., HABERMAS, Jürgen. Textos escolhidos. Traduções de José Lino Grünnewald [et al.]. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Col. Os Pensadores)
- CÂNDIDO, Antônio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 6^a ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981
- CARR, E. H. **Que é história?** Tradução de Lúcia Maurício de Alverga. 7^a reimpressão. São Paulo: Paz e Terra, 1996

-
- COSTA, Cristina. **Ficção, Comunicação e Mídias**. São Paulo: Editora Senac, 2002
- JARDIM, Antônio. **Música: vigência do pensar poético**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005
- QUADRANTE I**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962
- QUADRANTE II**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1968
- RESENDE, Beatriz (org). **Cronistas do Rio**. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2001.
- SÁ, Jorge de. **A Crônica**. Rio de Janeiro: Ed. Ática, 2005.